



GT20 - Psicologia da Educação – Trabalho 1135

INQUIRINDO PAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O BULLYING NA ESCOLA

Maria Teresa Ceron Trevisol – UNOESC

Agência Financiadora: CNPQ

Resumo

Problemas relacionados aos conflitos interpessoais na escola, como desavenças, indisciplina, *bullying*, entre outros, demandam especial atenção não somente do contexto escolar, mas também dos pais dos alunos. O objetivo deste texto é analisar a compreensão que pais de alunos do ensino fundamental possuem acerca do *bullying*; das razões promotoras e dos encaminhamentos em relação ao problema. A base empírica deste texto é uma investigação de cunho exploratório e de natureza quantitativa. A amostra foi composta por pais de alunos que frequentam o ensino fundamental, de um município catarinense. A coleta de dados se deu por meio de um questionário e na análise foi utilizado uma ferramenta *on line* (Google Docs). Evidenciou-se que a maior parcela dos respondentes compreende o *bullying* como manifestação de discriminação, preconceito e humilhação; falta de educação e/ou respeito com o próximo; atos de violência física, verbal e psicológica. Fatores como a mídia, a Internet e a moral foram apontados como promotores do problema. Quanto aos encaminhamentos destacou-se a comunicação entre pais e filhos; educação e valores familiares. A escola pode organizar, em parceria com os pais, ações de prevenção e enfrentamento em relação ao problema do *bullying* na escola.

Palavras-chave: Inquirindo pais. *Bullying* na escola. Alunos do ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente que se apresenta como inerente à vida de todos os seres humanos. É neste espaço, em que o desenvolvimento humano se faz presente tão ricamente, que se encontram crianças e adolescentes com as mais diversas peculiaridades. Sabendo-se, então, da importância do fator da escolarização na vida do indivíduo, principalmente concebendo o ambiente escolar como contexto que possibilita a socialização do sujeito, pesquisadores tem se interessado em estudar as particularidades envolvidas nas relações interpessoais que ocorrem neste ambiente.

No que tange às relações interpessoais, mais especificamente, pode-se citar o fator da violência escolar como sendo temática que está intrinsecamente relacionada à vida dos educandos de diversas idades. Inerente à violência escolar, há um fenômeno que tem suscitado discussões e debates científicos, bem como tem sido cada vez mais veiculado pela mídia: o *bullying*.

Esta palavra de origem inglesa, ainda sem tradução para a língua portuguesa, é um fenômeno que, embora seja tão antigo quanto a própria escola (SILVA, 2010a), apenas recentemente despertou a atenção dos pesquisadores, sendo que seus primeiros estudos científicos são datados do início da década de 1970. Por este fato, não é raro encontrar professores e demais funcionários que atuam na escola que desconhecem ou, por vezes, conceituam distorcidamente o *bullying*. Embora tão antigo, o fenômeno manteve-se por muitos anos de modo camuflado. Quando se remete aos pais dos educandos e sua opinião em relação ao *bullying* na escola, encontra-se escassez de pesquisas científicas acerca de tal temática e, no que tange ao conhecimento desta população sobre o *bullying* e seus efeitos, sabe-se que muitos pais não possuem uma compreensão clarificada do assunto, sendo que, muitas vezes, seus filhos podem estar envolvidos nas situações e estes não estarem reconhecendo os comportamentos emitidos não conseguindo, portanto, ajudá-los.

Baseando-se nos princípios supracitados, bem como na literatura científica nacional e internacional disponível sobre a temática, o objetivo desse texto é analisar a compreensão que pais de alunos que frequentam a 8ª série/9º ano do ensino fundamental possuem acerca do bullying; das razões promotoras e dos encaminhamentos em relação ao problema. A base empírica deste texto é uma investigação de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição vinculada a esse estudo, com o Parecer consubstanciado número 491.199.

A amostra foi composta por pais de alunos que frequentam a 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental II. A pesquisa foi realizada em quatro escolas de um município catarinense, sendo duas escolas da rede pública (uma municipal e uma estadual) e duas escolas da rede privada. Não se constituiu objetivo da investigação efetuar uma análise comparativa entre os dados destas instituições.

Participaram da pesquisa cento e quatro (104) pais (ou responsáveis pelos alunos) dentre os cento e sessenta e oito (168) convidados. Dos pesquisados, 82% das respondentes são mães, 12% dos respondentes são pais e 7% dos respondentes

configuram-se como outros familiares (irmãos, avós, entre outros). Com relação à faixa etária dos pesquisados, as idades variaram entre 26 e 68 anos. Quanto ao número de filhos, tinham entre um (01) e seis (06) filhos.

A renda mensal familiar dos respondentes, a maioria dos respondentes (46%) situa-se na faixa de um a três salários mínimos, e a minoria (2%) situa-se na faixa de mais de doze salários mínimos. Ainda, 5% dos sujeitos responderam que sua renda mensal familiar é menor de um salário mínimo.

Uma parcela significativa dos pais (ou responsáveis) dos alunos possui o grau de escolaridade do ensino fundamental incompleto. Acerca do grau de escolaridade da mãe (ou da responsável) do aluno evidenciou-se que uma parcela significativa das mães (ou responsáveis) pelos alunos possui o mesmo grau de escolaridade dos pais: ensino fundamental incompleto.

Como procedimento de coleta de dados, utilizou-se um questionário, composto por questões fechadas e abertas. Os questionários foram entregues juntamente com os termos de consentimento livre esclarecido em sala de aula aos alunos que aceitaram levá-los para entregar aos pais, e, no momento da entrega, foi acordado com os alunos uma data para a devolução dos questionários respondidos e dos termos de consentimento assinados.

As respostas dos questionários foram digitadas e tabuladas por meio de uma ferramenta *on line*, o Google Docs. As respostas das questões abertas foram categorizadas e analisadas individualmente.

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O FENÔMENO *BULLYING*

O ambiente escolar se caracteriza como um local privilegiado para se refletir sobre as relações sociais que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos (MARRIEL et al., 2006). É, também, no contexto escolar que fatores como a socialização, a promoção da cidadania e o desenvolvimento pessoal podem modificar-se tanto positiva quanto negativamente (MARRIEL et al., 2006).

Dentre as temáticas relativas à instituição escolar, a existência de *bullying* neste ambiente tem sido tema reiteradamente investigado tanto no Brasil quanto em outros países, conforme afirma Marriel et al. (2006). O *bullying* foi descrito como agressão entre pares, de forma continuada e intencional provocando danos na(s) criança(s) alvo

das agressões (OLLWEUS, 1994; PEREIRA, 2008). É o abuso sistemático do poder entre pares (SMITH E SHARP, 1994).

Fante (2005) discorre acerca do caráter ambíguo do *bullying*, pois ao mesmo tempo em que pode ser considerado um fenômeno novo – haja vista que somente nas últimas décadas é que tem despertado a atenção da sociedade –, constitui-se como sendo um fenômeno bastante antigo, principalmente por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas, embora, contraditoriamente, passe despercebido por muitos profissionais da educação até os dias atuais.

Atrelando-se a este contexto, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (2008) afirma que o *bullying* pode ser caracterizado como um problema mundial e que, embora possa ser encontrado em qualquer instituição escolar, algumas escolas ainda não admitem a ocorrência deste fenômeno entre seus educandos, quer seja porque não tem conhecimento do problema, ou porque preferem negar a ocorrência do mesmo.

Muitos professores e gestores escolares não possuem muitos conhecimentos relativos ao fenômeno *bullying* (CAPUCHO E MARINHO, 2008; PEREIRA; SILVA; NUNES, 2009; SILVA E ROSA, 2013; GISI, VAZ E VALTER, 2012; SILVA; OLIVEIRA; SILVA; PEREIRA E CECILIO, 2015). Em se tratando de pais e alunos, a desinformação sobre tal fenômeno é ainda maior, o que retrata que mesmo estando presente em grande parte das escolas brasileiras (tanto públicas quanto privadas) e independentemente do nível de ensino, o *bullying* ainda se constitui um fenômeno que, por vezes, é visto como estranho à comunidade escolar em geral. Assim sendo, pesquisas como as citadas anteriormente inferem que, a partir da análise da expressiva frequência da ocorrência do *bullying* durante a vida escolar de inúmeros indivíduos, retrata-se a necessidade da realização de pesquisas nesta área, pois tal fenômeno apresenta-se, atualmente, como sendo extremamente suscetível de questionamentos.

A FAMÍLIA E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A família é o primeiro meio social que a criança faz parte. Dentre as tarefas relativas a este grupo, a socialização da criança é uma de suas principais atribuições (BIASOLI-ALVES, 1997; SZYMANSKI, 2004; VELÁSQUEZ, 1997). Tendo em vista a essencial importância da família para o desenvolvimento biopsicossocial da criança, tem-se que o relacionamento entre pais e filhos é um fator primordial para que o

desenvolvimento da criança efetivamente ocorra. Neste contexto se fazem presentes as atitudes parentais, que são classificadas de dois modos, a saber: o cuidado – que consiste em dois extremos, sendo caracterizado tanto pelo lado do afeto e do carinho quanto pelo lado da frieza e da rejeição – e a superproteção/controle – estando em jogo, aqui, a intensidade de vigilância pela parte dos pais e a autonomia apresentada pelos filhos (FLORENZANO et al., 2009; TEODORO et al., 2010).

Assim sendo, e tendo em vista a importância da família para a constituição da personalidade da criança, Horta et al. (2010) infere que a família pode ter dois papéis: tanto o de proteger e oferecer um ambiente tranquilo para o desenvolvimento da criança, quanto tornar-se um exemplo de violência. Analisando as diversas situações de ocorrência do fenômeno *bullying*, pode-se afirmar que estas se iniciam em casa, pois para que as crianças sejam empáticas e ajam com respeito ao próximo é necessário, primeiramente, que os pais revisem aquilo que acontece no ambiente familiar, haja vista que por diversas vezes os pais não questionam seus valores e suas condutas, não realizando, portanto, a sua tarefa de educadores (SILVA, 2010b). Os preceitos éticos, solidários e altruístas devem iniciar em casa, junto aos pais, e estender-se para o âmbito escolar (SILVA, 2010b), diferentemente do pensamento de muitos pais, que delegam esta tarefa em sua totalidade à escola.

Entretanto, Fritz (2012) aponta que, enquanto a maioria dos estudos busca identificar somente as causas e intervenções realizadas na escola visando minimizar a ocorrência das situações de *bullying*, poucos investigam a relação entre as atitudes e os estilos educativos dos pais e o envolvimento dos filhos com essa prática. Logo, este fator de um número restrito de pesquisas neste âmbito, demonstra a relevância de se realizar estudos acerca da temática *bullying* que não procurem investigar somente alunos e professores, mas que visem conhecer o pensamento dos pais sobre este fenômeno.

O estilo parental, conforme descreve Fritz (2012), se constitui como sendo um conjunto de atitudes dos pais em relação a seus filhos, e a autora complementa discorrendo que: “Acredita-se que o estilo parental pouco varie de acordo com as situações, ao contrário das práticas parentais, que são as ações de disciplina, apoio, interação pais-filhos, entre outros.” Assim sendo, pode-se conceber o estilo parental como sendo a maneira como os pais educam seus filhos de acordo com suas crenças e valores (OLIVEIRA et al., 2002; TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004).

No que se refere à relação entre o estilo de educação recebido pela família e o envolvimento da criança com o *bullying* no contexto da escola, tem-se que os agressores, geralmente, provêm de famílias cuja estrutura se caracteriza como disfuncional, em que os pais emitem comportamentos explosivos e violentos para solucionar os conflitos (ABRÁPIA, 2003; SOURANDER et al., 2007; KLOMEK; SOURANDER; GOULD, 2010).

Visando, então, a prevenção da ocorrência do fenômeno *bullying* no ambiente escolar, tem-se que a utilização de estratégias de intervenção bem podem tornar a comunidade escolar mais segura, além de que programas focados nas famílias dos educandos também podem ser úteis para combater a ocorrência desta prática, haja vista que a prevenção do *bullying* caracteriza-se como sendo uma medida de saúde pública, pois além de combater a violência nas escolas são uma forma de prevenir, também, a criminalidade precoce (LOPES-NETO, 2005; SPRIGGS et al., 2007; TTOFI et al., 2011; SOUZA, 2012; BORSA, PETRUCCI, KOLLER, 2015).

A pesquisa de Fritz (2012) evidenciou, entre outros aspectos, o fator de que os estilos parentais estão intrinsecamente relacionados ao envolvimento das crianças em situações de *bullying*, principalmente tendo em vista a afirmação de que “Os pais autoritativos apresentaram-se como um fator protetor para a prática de *bullying*, enquanto a baixa exigência parental aumentou duas a três vezes a chance do envolvimento dos filhos como agressores.” (FRITZ, 2012, p. 25). Ademais, sabendo-se que “O comportamento agressivo faz parte da característica do ser humano.” (FRITZ, 2012, p. 25) e que durante a infância e a adolescência “[...] este recurso é utilizado como sendo a maneira mais fácil de resolver os problemas e alcançar aquilo que aspiram.” (FRITZ, 2012, p. 25), cabe aos pais e aos educadores controlar este comportamento entre as crianças e os adolescentes, tanto no que se refere a impor limites quanto a propiciar um ambiente equilibrado e protegido de agressões (tanto verbais quanto físicas) (FRITZ, 2012), visando ao desenvolvimento saudável dos indivíduos nele inseridos.

COMPREENSÃO DE PAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O BULLYING

Quando os pais foram questionados a respeito de como compreendem o *bullying*, evidenciou-se que todos os dados obtidos foram significantes e não se

encontram, de modo geral, distantes da compreensão sobre o fenômeno descrita pelas referências que embasaram esse trabalho. Percebeu-se que a maior parcela dos respondentes compreende o *bullying* como manifestação de discriminação, preconceito e humilhação (27%), sendo que a falta de educação e/ou respeito com o próximo (12%), bem como os atos de violência física, verbal e psicológica (11%) foram citados de modo expressivo também. Da mesma forma, insultar e agredir o outro com palavras dolorosas (por causa de raça, religião, sexualidade, fisionomia – 10%). Sabe-se que a intencionalidade da ocorrência é uma das características que distingue brincadeira de situações de *bullying*, bem como a intencionalidade de agredir ao outro – tendo em vista que este outro é alguém que se encontra no mesmo patamar (por exemplo: de aluno para aluno e não de professor para aluno), afirmando-se, portanto, que o *bullying* ocorre entre pares – e o quão agressivo é tal comportamento, sendo que não há motivos evidentes para a emissão do comportamento agressivo (FANTE; PEDRA, 2008; LOPES-NETO, 2005).

Acerca da opinião dos respondentes sobre a frequência do *bullying*, observou-se que de acordo com as respostas obtidas, as maiores parcelas de respondentes acreditam que os casos de *bullying* estão aumentando ou que o *bullying* não mudou em frequência e intensidade, mas antes não tinha este nome. Sabe-se que o fenômeno *bullying* é tão antigo quanto a própria instituição escola, entretanto, por vezes, tal comportamento se dava de modo mais velado do que atualmente, sendo que a mídia atual dá maior visibilidade à ocorrência do fenômeno (FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008), bem como o assunto é abordado, embora de modo ainda simplificado, nos cursos de formação de educadores (SILVA e ROSA, 2013). Fante e Pedra (2008, p. 50) inferem que “[...] infelizmente, o fenômeno vem crescendo nos últimos anos em todo o mundo”, e relatam acreditarem que a tendência da vítima em reproduzir os maus-tratos sofridos, bem como o estímulo à competitividade e ao individualismo no que se refere à obtenção de resultados nas escolas – estando intrínseco aí a pressão familiar e escolar –, podem ser considerados alguns dos motivos do aumento dos índices de *bullying* nas escolas. Percebe-se, portanto, que as opiniões dos pais vêm ao encontro com os relatos científicos.

No que se refere aos fatores que influenciam a ocorrência do *bullying* entre os alunos, os respondentes assinalaram que a maior parcela de respondentes acredita que a mídia (24%), a Internet (23%) e a moral, aos valores, normas, leis, entre outros (22%) sejam os principais fatores que influenciam na ocorrência do *bullying*. Acerca da mídia,

Fante e Pedra (2008, p. 104) afirmam que “[...] Sem dúvida, a mídia pode influenciar negativamente o comportamento de muitos, o que colabora com o surgimento do *bullying*.” Os autores exemplificam, ainda, que o padrão de beleza estabelecido pela mídia pode resultar em indivíduos que se sintam envergonhados com as próprias características e que sejam encarados pelos colegas como sendo defeituosos ou esquisitos, fator que, indubitavelmente, pode contribuir para a ocorrência do *bullying*.

Outro fator relacionado a ocorrência do *bullying* é a internet. Tognetta e Bozza (2010) inferem que “[...] com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial – o *Cyberbullying* – uma forma dissimulada de *Bullying*, em que as agressões são virtuais”. Segundo Avilés Martínez (2013, p. 11) “[...] meninos e meninas agem mal e menosprezam o outro virtualmente porque heteronomamente, na ausência de uma autoridade que possa vigiar ou castigar, se acham livres para fazê-lo”.

E, ainda, fatores relacionados dimensão da moral, do como e por que devo agir, a ausência do respeito pelo outro, ausência de limites, de regras morais, a validação da importância destas regras pelos sujeitos que praticam o *bullying*, acreditando que tudo podem a qualquer momento e situação.

Entretanto, cabe destacar conforme Silva e Rosa (2013, p. 330) que

antes de classificar um ato de violência como *bullying* deve-se analisar o contexto situacional, levando-se em consideração as características individuais das pessoas envolvidas, bem como os contextos familiar e escolar, pois estes núcleos sociais influenciam o comportamento do indivíduo.

O *bullying* não deve ser avaliado de modo descontextualizado desse conjunto de variáveis: pessoal, familiar, escolar e social.

Quanto às agressões que ocorrem em uma situação de *bullying*, os respondentes compreendem que estas podem ser: físicas (31%); verbais (35%) e relacionais (34%). Atrelando-se aos dados expostos, Fante e Pedra (2008, p. 36) afirmam que “[...] nos estudos sobre o *bullying*, os tipos de maus-tratos encontrados são: físico, verbal, moral, sexual, psicológico, material e virtual.” Com base nos autores e nas respostas obtidas, constata-se que a maior parcela de pais reconheceu que as agressões podem ser tanto de um quanto de outro tipo. Evidencia-se nestes dados, uma aproximação ainda maior da compreensão real do fenômeno por parte dos pais. É possível fazer aqui uma comparação dessas respostas com os dados referentes a compreensão dos pais sobre o

problema, em que enfatizaram como *bullying* “Discriminação, preconceito, humilhação”.

ENCAMINHAMENTOS EM RELAÇÃO AO *BULLYING*

Quando os pais pesquisados foram questionados acerca de se pensam que é preciso prevenir o *bullying*, 100% dos respondentes acreditam que sim. Acerca de quem os respondentes pensam que é a responsabilidade de prevenir o *bullying*, observou-se, então, que a maior parcela dos pais pensa que a responsabilidade de prevenir o *bullying* é dos pais em geral (17%), seguida da responsabilidade da sociedade (13%) e, só então em terceiro lugar, responsabilidade da escola (12%).

Nesse sentido, Freire e Aires (2012, p. 57) enfatizam que “é preciso pensar o *bullying* escolar como um fenômeno social”, portanto as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em consonância com o contexto onde ocorre, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações individuais ou formas prontas de enfrentamento.

Quanto aos encaminhamentos que os respondentes pensam que podem contribuir para a prevenção do *bullying*, destacaram-se: Comunicação entre pais e filhos (24%); Educação e valores familiares (23%); Qualidade das políticas, normas e regras da escola (13%); Qualidade da relação das crianças com seus colegas ou amigos (13%); Qualidade da relação professor-aluno (12%). Verifica-se nestes dados que os pais acreditam que a comunicação entre pais e filhos; a educação e valores familiares constituem encaminhamentos para contribuir no enfrentamento e prevenção de manifestações de *bullying*. Neste contexto, Lima e Ardigó (2011) inferem que:

Dentro do quadro preventivo do *bullying*, percebe-se como de fundamental importância o envolvimento de professores, pais e alunos. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. Assim, as ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que as mesmas se sintam protegidas; é necessária a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos, buscando-se dessa forma a garantia de um ambiente escolar seguro.

Cabe destacar que o modo como os pais percebem as situações de *bullying* e atuam diante delas influencia também as atitudes e estratégias empreendidas pelas

crianças no manejo de situações de agressão (LADD, & KOCHENDERFER-LADD, 2002; OLWEUS, 1994; SMITH, & SHU, 2000; WAASDORP, & BRADSHAW, 2009, Apud BORSA, PETRUCCI, KOLLER, 2015, p.44). Dentre as estratégias adotadas pelos pais, destacam-se: conversar com os filhos para ajudá-los a desenvolver meios adequados de enfrentamento do problema; contatar a escola e os professores a fim de buscar soluções para o problema; e conversar com os pais da criança agressora ou com ela mesma. (LADD, & KOCHENDERFER-LADD, 2002 Apud BORSA, PETRUCCI, KOLLER, 2015). Eles podem, ainda, encorajar seus filhos a recorrerem à ajuda dos adultos, a evitarem ou ignorarem os agressores ou, até mesmo, a revidarem a agressão com outras agressões físicas ou verbais (SAWYER, & COLS., 2011 Apud BORSA, PETRUCCI, KOLLER, 2015, p. 45).

Acerca de se pensam que é preciso punir o *bullying*, 93% dos sujeitos responderam que sim e 7% responderam que não. Alguns dos pais cuja resposta foi negativa, explicaram que pensam que a punição não é a solução, mas que se poderia utilizar do diálogo e da reflexão perante tais situações.

A família precisa aprender sobre o *bullying* e observar os sinais que a criança emite quando está em sofrimento; a família deve acompanhar, conhecer e fazer parte da vida dos filhos e garantir um ambiente saudável aos mesmos. Esses argumentos são corroborados pelo estudo realizado por Borsa; Petrucci; Koller (2015, p. 42) que define o *bullying* “como um fenômeno multideterminado”, destacando a necessidade de incluir os pais como participantes nos estudos empíricos considerando suas contribuições para a *avaliação e prevenção* do problema. Além disso, os pais “podem fornecer informações importantes sobre a família e sobre os comportamentos da criança fora do ambiente escolar e assim contribuir para uma melhor compreensão dos fatores motivadores e mantenedores dos comportamentos agressivos e da vitimização da criança em situações de *bullying*” (BORSA; PETRUCCI; KOLLER 2015, p. 43).

No que se refere ao que os pais fariam se soubessem que seu filho está sofrendo *bullying* na escola, a maior parcela dos respondentes afirmou que falaria com a escola ou com os professores (26%), seguida da afirmação de que conversaria com a criança sobre o ocorrido (23%).

Quando os pais foram questionados sobre se soubessem que seu filho está praticando *bullying* na escola, os respondentes afirmaram que caso seus filhos estivessem envolvidos em situações de *bullying* como agressores, os respondentes afirmaram que conversariam com a criança sobre o ocorrido (25%) e falariam com a

escola ou com os professores (18%), consistindo nas mesmas ações que realizariam caso seus filhos estivessem na situação de vítima, porém com uma inversão das ações, antes de conversarem com a escola ou com os professores, conversariam com a criança em si.

Concernente ao que fariam se seu filho relatasse presenciar situações de *bullying* entre seus colegas, as respostas dos pais a este questionamento permitem inferir que os mesmos sensibilizar-se-iam perante o sofrimento de outrem, ao afirmarem que falariam com a escola ou com os professores (37%), bem como conversariam com a criança sobre o ocorrido (34%), mesmo sendo que diretamente a situação não estivesse ocorrendo com seus filhos.

Os pais que constituíram a amostra da pesquisa, que embasa esse texto, predominantemente, possuem um nível de escolarização de ensino fundamental incompleto. Mesmo que este dado não se constituiu foco de análise cabe o questionamento sobre o nível de escolarização dos pais e em que medida a compreensão do fenômeno pesquisado pode ser afetada pelo nível de escolarização. Mesmo com um nível de escolarização baixo os pais pesquisados revelaram preocupação com seus filhos, e como encaminhar problemas relacionados ao *bullying* na escola.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2009), que efetuou relações entre dados a respeito de escolaridade de pais dos meninos que sofreram *bullying*, não houve a identificação de implicações significativas relativas ao nível de escolaridade. Nos dados da PeNSE (2012), tanto para aqueles que referiram sofrer *bullying* quanto para os que não foram bem tratados pelos colegas, observaram-se mães com menor ou nenhuma escolaridade. Com relação aos alunos praticantes do *bullying*, evidenciou-se, ao contrário, serem filhos de mães com maior escolaridade, resultado encontrado em outros estudos (RECH R.R; HALPERN R.; TEDESCO A; SANTOS D.F, 2013; SILVA A.P; FERREIRA G.A; SILVA F.P; FRAZÃO I.S; CAVALCANTI A.M., 2012 Apud MALTA et al, 2014, p.101). Ou seja, a maior escolaridade materna mostrou-se fator protetor contra sofrer *bullying*, o que é confirmado por estudo que aponta que crianças oriundas de contextos familiares com capital cultural restrito, pouco incentivadas e acompanhadas pelos seus pais em suas tarefas acadêmicas e cujos pais não dialogam ou compartilham ideias com elas têm maior chance de *bullying*. Reitera-se, portanto, que o papel dos pais e do grupo familiar também deve ser valorizado em investigações e intervenções sobre o desenvolvimento, a manutenção e a prevenção do *bullying*. (MALTA et al, 2014, p.102).

Considerando o posicionamento de Espelage e Swearer, 2008; Waasdorp, Bradshaw e cols, 2011 (Apud BORSA, PETRUCCI E KOLLER, 2015, p. 44) de que mesmo que os pais não participem diretamente do cotidiano escolar, são responsáveis por tomar as providências adequadas a resolução dos problemas de interação vivenciados por seus filhos, como é o caso do *bullying*.

Cabe, então, o destaque de que a qualidade da relação entre os pais e a escola pode influir na forma como os pais respondem ao *bullying* (OLWEUS, 1994) e como tecem uma possível parceria entre os contextos familiar e escolar. Os pais que não confiam na escola costumam não a procurar para relatar as situações problema envolvendo seus filhos, enquanto os que percebem a escola como um ambiente confiável, seguro e aberto, tendem a se envolver mais e a buscar ajuda dos professores ou de outros representantes da escola (SHELDON, 2002 Apud BORSA, PETRUCCI E KOLLER, 2015, p. 44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo deste texto de analisar a compreensão que pais de alunos da 8ª série/9º ano do ensino fundamental possuem acerca do *bullying*; das razões promotoras; e os encaminhamentos para o enfrentamento do problema, evidenciou-se que a maior parcela dos respondentes compreende o *bullying* como manifestações caracterizadas por discriminação, preconceito e humilhação; falta de educação e/ou respeito com o próximo; atos de violência física, verbal e psicológica. Fatores como a mídia, a Internet e a moral foram apontados como promotores do problema. Quanto aos encaminhamentos em relação ao problema destacou-se a comunicação entre pais e filhos; educação e valores familiares.

O problema *bullying* está vinculado a um conjunto de variáveis, entre elas: sociais, culturais e econômicas, das características dos sujeitos que estão envolvidos e das relações estabelecidas entre eles.

A escola pode informar e esclarecer aos pais sobre o *bullying*, podendo elaborar, inclusive, ações de prevenção, identificação e enfrentamento do problema em conjunto com estes. E, de outro lado, os pais suficientemente preparados e sensíveis a observação do comportamento de seus filhos, particularmente quando esses revelam que algo não está bem, aproximar-se deles com o intuito de compreender o que está acontecendo, e

quando os comportamentos possuem relação com o contexto escolar, buscar a instituição com o propósito de análise, discussão e encaminhamento do problema.

Considerando a importância do diálogo familiar, de conhecer o mundo dos filhos e deixá-los conhecer o seu, e do ambiente acolhedor que a família deve proporcionar, Avilés Martínez (2013, p. 12) sugere uma modalidade de intervenção designada como “os fóruns com as famílias”. Mais do que cobrar por medidas e exigências políticas, mais do que denunciar o problema das famílias malformadas, mal instruídas sobre a educação de seus filhos, é preciso abrir espaços para se pensar, conjuntamente, o problema da qualidade das relações com aqueles que mais podem auxiliar nesse desenvolvimento: os educadores e os pais.

E, ainda, cabe a reflexão proposta por Tognetta (2005, p. 15) [...] é preciso então, um refinamento do olhar de pais e professores que estejam atentos a problemática do *bullying* e de outros conflitos interpessoais e que possam organizar suas ações a partir de um diagnóstico da realidade. Se pode ir além, e conceber que, se estão ocorrendo situações de conflitos, de diferentes naturezas, e de *bullying* dentro na escola, é preciso que os adultos responsáveis, dentro deste contexto, estejam atentos para identificá-las e intervir junto a elas. Enfim, é fundamental conhecer o problema e saber orientar alunos, escola e famílias sobre os riscos e consequências do *bullying* se o que se deseja é a promoção do bem-estar e da saúde dos envolvidos no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA – ABRAPIA. O que é Bullying. **Construir Notícias**, [S.l.], ano 7, n. 40, maio/jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1307>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

_____. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro, 2003. 22 p. Disponível em:

<<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying**: guia para educadores. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p.

33-49, dez. 1997. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a05.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

BORSA, J.C.; PETRUCCI, G. W. & KOLLER, S.H. A participação dos pais nas pesquisas sobre o *bullying* escolar. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 19, n. 1, jan./abr. de 2015: 41-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00041.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2016.

CAPUCHO, Vera A. C.; MARINHO, Genilson C. Cyberbullying: uma nova modalidade de violência escolar. **Construir Notícias**, Recife, ano 7, n. 40, maio/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1310>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. 142 p.

FLORENZANO, Ramón et al. Percepción de la Relación Parental entre Adolescentes Mayores y Menores de 15 Años. **Revista Chilena de Pediatría**, Santiago, v. 80, n. 6, p. 520-527, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/rcp/v80n6/art04.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

FREIRE, Alane N.; AIRES, Januária S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v.16, N. 1, jan./jun. de 2012, p. 55-60. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006. Acesso em 10 de abril de 2015.

FRITZ, Aline Benvenuti. **Associações entre características familiares, estilos parentais de educação e bullying no ambiente escolar**. 2012. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55278/000856933.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

GISI, M. L., VAZ, F. A. B. & VALTER, C. C. N. *Bullying*: um desafio para a formação de professores. In: Seminário de Pesquisa da Região Sul, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2012.

HORTA, Rogério Lessa et al. Comportamentos violentos de adolescentes e coabitação parento-filial. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 979-985, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n6/1843.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

KLOMEK, Anat Brunstein; SOURANDER, Andre; GOULD, Madelyn. The Association of Suicide and Bullying in Childhood to Young Adulthood: A Review of Cross-Sectional and Longitudinal Research Findings. **The Canadian Journal of**

Psychiatry, Ottawa, v. 55, n. 5, p. 282-288, 2010. Disponível em: <www.researchgate.net/...Klomek/.../ef317539e87872...>. Acesso em: 21 jun. 2014.

LIMA, Roberta Oliveira; ARDIGÓ, Maria Inês França. Bullying: prevenção, punição e políticas públicas. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, ano XIV, n. 95, dez. 2011. Disponível em: <http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10937&revista_caderno=24>. Acesso em: 19 jul. 2014.

LOPES-NETO, Aramis Antonio. *Bullying* – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005. Suplemento. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso: 22 ago. 2013.

MALTA, Débora Carvalho et al. Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia – PeNSE 2014**, p. 92-105. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s1/pt_1415-790X-rbepid-17-s1-00092.pdf. Acesso: 10 de janeiro de 2017.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>>. Acesso: 5 mar. 2014.

OLIVEIRA, Ebenézer A. de et al. Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamento de Externalização e Internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a02v15n1.pdf>>. Acesso: 21 jun. 2014.

OLWEUS, D. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 35(7), 1994. p. 1171-1190.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** (2ª ed.). Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2008.

PEREIRA, B., SILVA, M. I., NUNES, B. **Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal.** Curitiba-PR, 2009, p. 455-466.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: do início aos dias atuais – um conflito global, que cresce e aparece. In: _____. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010a. cap. 6, p. 109-122.

_____. **Bullying** – Justiça nas Escolas, Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010b. 14 p.

SILVA, E. N. & ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, S.P, v. 17, N. 2, jul./dez de 2013, pp. 329-338.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A. de; SILVA, M.A.I da; PEREIRA, B.O. & CECILIO, S. Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do *bullying* escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. 17(3), 189-199. São Paulo, SP, set-dez. 2015.

SMITH, P.K.7 SHARP, S. **School Bullying. Insights and perspectives**, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1994.

SOURANDER, Andre et al. What Is the Early Adulthood Outcome of Boys Who Bully or Are Bullied in Childhood? The Finnish “From a Boy to a Man” Study. **Pediatrics**, Illinois, v. 120, n. 2, p. 397-404, 2007. Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/content/120/2/397.full.pdf+html>>. Acesso: 21 jun. 2014.

SPRIGGS, Aubrey L. et al. Adolescent Bullying Involvement and Perceived Family, Peer and School Relations: Commonalities and Differences Across Race/Ethnicity. **Journal of Adolescent Health**, San Francisco, v. 41, n. 3, p. 283-293, set. 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1989108/>>. Acesso: 08 jul. 2014.

SOUZA, K.O.J. Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. Fortaleza, 25(1): 71-79, jan./mar., 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso: 5 abr. 2014.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; BARDAGI, Marúcia Patta; GOMES, William Barbosa. Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-12, jun. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v3n1/v3n1a01.pdf>>. Acesso: 21 jun. 2014.

TEODORO, Maycoln Leôni Martins et al. Propriedades psicométricas do Parental Bonding Instrument e associação com funcionamento familiar. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 243-251, ago. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n2/v9n2a09.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

TOGNETTA, L. R. P. & BOZZA, T. C. L. Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: Guimarães, Á. M. & Pacheco e Zan, D. D. *Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade*. Campinas: FE/UNICAMP, 2010. CDROM.

TTOFI, Maria M. et al. The predictive efficiency of school bullying versus later offending: a systematic/meta-analytic review of longitudinal studies. **Criminal Behaviour and Mental Health**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 80-89, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21370293>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

VELÁSQUEZ, Ángela María Quintero. Cambios en la dinámica familiar durante la gestación y el posparto. **Investigación y Educación de Enfermería**, Medellín, v. 15, n. 1, p. 109-119, mar. 1997.